

Bancos e América Latina: uma nova relação

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

A América Latina "é importante para nós", disse o presidente do conselho do Chase Manhattan Bank, Thomas Labrecque, num jantar oferecido a um grupo de jornalistas em sua sede na Park Avenue quinta-feira passada. Mas o relacionamento entre os grandes bancos dos EUA e a região será na década de 1990 diferente do que foi nas décadas de 1970 e 1980, explicaria ele ao responder a uma pergunta deste jornal.

A questão foi se o empréstimo de US\$ 100 milhões que o Chase sindicalizou para a empresa estatal de petróleo do México, Pemex, poucas semanas atrás, sendo o primeiro empréstimo voluntário dos bancos para a América Latina em dez anos, seria também o último nesta geração de banqueiros que conviveu com a crise da dívida externa da região a partir de 1982.

"Não creio que esse empréstimo venha a ser único", argumentou Labrecque. "E penso que você vai ver outras ocasiões na América Latina em que os aplicadores vão ficar confortáveis com esse tipo de investimento. Mas você

também vai ver as instituições financeiras atuando muito mais no lado criativo, de criar soluções para seus clientes e encontrar os aplicadores para seus clientes, do que tirando recursos diretamente de seus balanços próprios", acrescentou.

Labrecque observou também que "essa vai ser a diferença entre os anos 70 e o começo dos anos 90 e a década atual. Mas eu também acho que, sendo as pessoas mais treinadas e a estrutura dos novos acordos melhor, a natureza das economias e o ambiente político na região muito melhores você vai ver uma variedade de coisas acontecendo".

PERSPECTIVA ADEQUADA

Ele não se impressiona com os distúrbios recentemente ocorridos na Venezuela e no Peru. "Vocês mencionam a Venezuela, eu poderia mencionar Los Angeles, e então vamos ficar na perspectiva adequada", afirmou. "Creio que é absolutamente claro que governantes democraticamente eleitos, e países nos quais há liberdade de expressão e livre comércio, baseados em políticas eco-



Thomas Labrecque

nômicas sadias, formam agora um ambiente muito melhor para se trabalhar, comparados com a América Latina de quinze anos atrás", ressaltou.

Isso não significa que a seu ver "tudo é pêssego com creme. O que está acontecendo na região é importante, mas não é perfeito. Haverá dias difíceis pela frente. Mas olhando a América Latina de 1975 até o final da década de 1980, e comparando com o que tivemos desde então e podemos projetar até o fim do século, eu apostaria que este momento daqui por diante é melhor nesta parte do mundo".

Labrecque ponderou que um setor público muito pesado pode funcionar durante algum tempo, mas não por muito tempo. E por isso adiantou que "o programa de privatizações vai funcionar" na região. "Francamente, do meu ponto de vista, mesmo reconhecendo que nada é perfeito, 1992 é melhor que 1982 na América Latina", insistiu.

FORÇA DAS EQUIPES

Ele se mostrou encantado com o desempenho do presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, e disse que os Estados Unidos teriam muito a ganhar se tivessem políticos nacionais tão competentes quanto ele. Deu em seguida sua lista de condições para que os programas de ajuste tenham sucesso na América Latina.

Em primeiro lugar, surpreendentemente, a política. "Se a política do país é razoavelmente democrática e estável, e a liderança é boa, então você tem um começo", disse ele. A premissa de algumas perguntas, que colocavam os ministros da Fazenda acima dos presidentes da República na América Latina, mereceu sua reprovação. "A

força dessas equipes começa no topo, no presidente."

Em segundo lugar fica "a qualidade da equipe e do programa, e quanto o governo esteja disposto a ir com ambos". Depois, "a qualidade do setor privado, e a existência de respeito do governo pelo espaço privado". Quarto, "a vontade do setor público de se mover para uma sociedade mais baseada na iniciativa privada".

Indagado por este jornal se não haveria uma contradição em seu raciocínio, que coloca grande ênfase na abertura política e no entanto mostra grande ad-

miração pelo México, que não é propriamente uma democracia, Labrecque admitiu que "todos nós somos contraditórios às vezes", mas este não lhe parecia o caso.

"A política sobre a qual estou falando é a de que o ambiente político lá é muito estável, a despeito do que a gente pensa. O México é um exemplo dramático de ambiente político muito saudável. O presidente Salinas foi eleito, está fazendo as coisas, e é um dos políticos mais competentes que esta parte do mundo produziu em muito tempo", concluiu.